XV Reunião de Antropologia do Mercosul
04 a 08 de agosto de 2025, UFBA, Salvador, BA, Brasil

Grupo de Trabalho: Memória, Oralidade e Patrimônio da população de Terreiros no contexto brasileiro e afrodiaspórico (nº 129)

Memória, encanto e território: Afogados e Mustardinha no Catimbó-Jurema do Recife (PE)

George Henrique Pinto Pereira
Universidade Federal de Pernambuco

Introdução

“Jurema Sagrada”, também chamada de “Culto aos Senhores Mestres” ou simplesmente “Jurema”, inicialmente conhecida como Catimbó, termo que vem do Tupi Antigo *Ka’átimbór*, traduzido para o português como “fumaça de mato” (ANGÉLICO, 2024). Trata-se de uma tradição religiosa de origem indígena, com raízes profundamente fincadas no Nordeste, existentes muito antes da configuração colonial do Brasil. O termo Catimbó, por sua vez, foi a partir do fim do século XIX utilizado de forma preconceituosa e estigmatizada a partir da urbanização da prática, foi, associado a práticas de “baixa feitiçaria” ou a ações tidas como maléficas. Por isso, ao longo do tempo, muitos praticantes escolheram ocultar ou suavizar o uso dessa palavra. Hoje, contudo, observa-se um movimento de retomada do termo, que ressignifica sua história e afirma a continuidade dessa tradição. É por isso que opto por empregar “Catimbó-Jurema” para nomear essa religião de tantos nomes, marcada por diferentes temporalidades, lugares e modos de dizer. Ao longo dos séculos, o Catimbó-Jurema atravessou as imposições da coroa portuguesa e da religião oficial do Estado, ao mesmo tempo em que se encontrou com práticas oriundas da diáspora africana e diálogos com esoterismos europeus (COSTA, 2021).

Essa ciência, como enfatiza Lima (2022, p. 42-44), se expressa em elementos que compõem o núcleo do culto: a bebida da Jurema, o cachimbo e a fumaça, o maracá, os saberes transmitidos pela oralidade cantada, além das danças circulares, como a gira e o toré, que reafirmam o corpo como lugar de aprendizado e comunicação com o sagrado. No entanto, a Jurema não se faz apenas por gestos rituais ou cantos; ela também é tecida pela relação íntima com uma série de vegetais que carregam força própria. Entre eles estão a Jurema Preta (*Mimosa hostilis Benth* ou *Mimosa Nigra*) e a Jurema Branca *(Mimosa ophthalmocentra* ou *Acacia Jurema*). Luiz Assunção (2010), diz que:

> O termo jurema vem do tupi “Yu-r-ema” e Cascudo (1978:98) define o nome dado a uma “árvore espinhenta do sertão, da qual o gentio extraía um suco capaz de dar sono e êxtase a quem o ingeria”. É prática comum a utilização de duas espécies de jurema: a preta (Mimosa hostilis benth) e a branca (Vitex agnus castus). Essas espécies são empregadas em bebidas, banhos, remédios, defumadores, a fim de curar os males físicos e espirituais. (p. 19)

A Jurema, como visto, ocupa um lugar central, mas não exclusivo, no culto religioso, já que outras árvores como o Angico, Jucá, Pau-pereiro, Aroeira, Manacá e Catucá também são cultuadas, compondo um repertório vegetal que dá corpo à cosmologia juremeira.

O tabaco, vegetal originário das Américas, cientificamente classificado como Nicotiana, integra igualmente esse universo ritual. Angélico (2024) explica que, conhecido pelos povos Tupi como *Petym, Petum, Petema, Betum* ou *Betim*, e chamado de *Badzé* pelos Chumimy, para os quais era reconhecido como uma divindade, o tabaco se associa à jurema em trabalhos que envolvem sopros (as fumaçadas), as inalações (tabaco moído associado a outras ervas no rapé) e defumações, reforçando a mediação entre o plano material e o espiritual. Assim como com as árvores, o tabaco é associado a outras ervas e plantas, dependendo do contexto ritualístico, como o alecrim, alfazema, erva-doce, liamba, etc.

Dessa forma, o Catimbó-Jurema se mantém como um complexo vivo, sustentado por práticas, plantas e saberes que, apesar das transformações históricas e dos encontros culturais, continuam a preservar marcas essenciais que definem a continuidade e a singularidade desse culto. Sobre as entidades que se apresentam na Jurema Sagrada, Lomi Lodo (2017) nos conta que:

> “As entidades são os espíritos desencarnados dos ancestrais que foram divinizados pelo povo nordestino, como: os índios e índias, caboclos e caboclas, cangaceiros e cangaceiras, marinheiros e marujos, ciganos e ciganas, brabões sertanejos, crianças, marginais e malandros, prostitutas, mestres de coco, mestres e mestras dos saberes da vida e antigos catimbozeiros e catimbozeiras, que por algum motivo especial para o povo, se tornaram heróis dignos de culto. Ainda, as entidades são identificadas nas classes de: 1. Caboclos e caboclas, índios e índias e pajés (entidades das matas, que regem toda a Jurema); 2. Trunqueiros/Exus de Jurema (que são entidades de “esquerda”, que trabalham em diversas funções, onde uma delas é a defesa da casa); 3. Os Mestres e Mestras, que são os orientadores da comunidade e curandeiros, assim como os anteriores.” (L'OMI L'ODO, 2017)

Apesar dos séculos de perseguição e tentativas de apagamento, o Catimbó-Jurema continua fazendo parte do cotidiano de bairros periféricos do Recife. Está nos toques dos terreiros, nas concentrações públicas durante as festas de Cosme e Damião, onde também se celebram os caboclinhos, e nas conversas do dia a dia. O que se observa é uma maneira de estar no mundo que não separa o espiritual do material, mas vive esses dois planos de forma entrelaçada, atribuindo sentidos

especiais às encruzilhadas, aos rios, às árvores, a certas ruas e bairros, especialmente por onde, segundo a memória oral, passaram mestres e mestras que se encantaram e se tornaram trabalhadores da jurema no plano invisível.

Território e encanto: os bairros de Mustardinha e Afogados

A territorialidade, no contexto da Jurema, ultrapassa definições geográficas e deve ser compreendida a partir de redes que envolvem circulação, memória e experiências coletivas. Em bairros como Mustardinha e Afogados, práticas, trajetórias de mestres e mestras e o cotidiano dos terreiros vão sendo articulados por gestos, narrativas, festas e conflitos urbanos, constituindo pontos de inflexão entre o visível e o invisível, o ordinário e o sagrado. O conceito de “Centro do Mundo” apresentado por Mircea Eliade (1994) contribui para pensar como determinados territórios funcionam como polos de convergência do sagrado, eixos de contato entre planos distintos, em que o trânsito das entidades é constantemente atualizado pelos ritos e pela circulação de pessoas.

No caso da Mustardinha e Afogados, é possível observar que práticas e memórias ritualizadas continuam sendo acionadas mesmo diante de processos de repressão ou invisibilização. Essa territorialidade é reafirmada em festas, pontos cantados e nas práticas cotidianas, muitas vezes menos perceptíveis para quem está fora das redes do terreiro. O sagrado, nesse contexto, não se apresenta de maneira restrita a templos ou imagens, mas é vivenciado em casas, ruas e espaços do bairro, onde nomes de mestres e mestras permanecem em circulação por diferentes motivos — seja por residência, ofício, ou por motivos que a própria tradição não deixa completamente explícitos.

Nessa direção, Rosendahl (2015, p. 80) chama atenção para a amplitude da experiência do sagrado: “o verdadeiro significado de sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são as que se destacam da rotina e do lugar-comum”.

Mustardinha e Afogados situam-se na Zona Oeste do Recife e fazem parte da Região Política-Administrativa 5 (RPA5), ao lado de bairros como Areias, Barro, Bongi, Caçote, Coqueiral, Curado, Estância, Jardim São Paulo, Jiquiá, Mangueira, San Martin, Sancho, Tejipió e Totó. De acordo com o Censo de 2020, a Mustardinha

possui 10.642 habitantes. O bairro é delimitado como Zona Especial de Interesse Social (Zeis), apresenta comércio público intenso, ausência de saneamento básico e limpeza adequada, além de grande movimentação de pessoas e transportes (PIRAUÁ; LIMA, 2019). Já Afogados contava, no mesmo período, com 31.457 habitantes e se caracteriza, segundo Vainsencher (2003), pelo desenvolvimento urbano recente, com pavimentação de ruas e expansão de infraestrutura, embora por vezes de forma desordenada.

Esses processos urbanos não se dissociam das dinâmicas religiosas e de memória dos bairros. Ao longo do século XX, a relação entre território e práticas religiosas afro-indígenas aparece de modo recorrente em fontes jornalísticas, frequentemente atravessada pela repressão. Episódios como o registrado no Jornal Pequeno (PE), em 8 de março de 1952, sugerem o monitoramento constante dos terreiros e de seus frequentadores:

> “Na madrugada de hoje, o comissário da Mustardinha prendeu vários indivíduos armados de quicé, e cercou uma casa na Rua da Carniça, onde funcionava um ‘catimbó’, cujo responsável foi também preso e recolhido ao xadrez.” Jornal Pequeno (PE), Recife, 08 de março de 1952. Crônica policial.

O olhar das fontes jornalísticas do início do século XX sobre o catimbó em Afogados revela não apenas preconceitos, mas também um contexto mais amplo de urbanização e deslocamento dessas práticas para as periferias do Recife, num momento marcado pelo discurso higienista. Em matéria publicada pelo Diário de Pernambuco em 21 de maio de 1910, observa-se o esforço em enquadrar e definir o catimbó de fora para dentro, associando-o à superstição e ao atraso:

> "Agora, aproveitando o ensejo, vamos inteirar os leitores de uma série de factos, verificados em Afogados, causados todos pela terrível superstição.
> Mas, que vem a ser o catimbó?
> Uma amalgama confusa das superstições dos índios, das práticas da feitiçaria para aqui importadas pelos escravos africanos e, finalmente, preceitos tirados do catholicismo e do espiritismo.
> Em synthese, um fetichismo adiantado." Diário de Pernambuco, 21 de maio de 1910, primeira página.

A notícia explicita como a imprensa da época contribuía para estigmatizar as experiências religiosas afro-indígenas, tratando-as como desordem local e justificando práticas de controle em territórios periféricos como Afogados.

O acompanhamento policial e a vigilância institucional, registrados em jornais, são indícios das tensões e disputas em torno do direito ao sagrado e à ocupação dos territórios urbanos. Tais registros dialogam com as memórias orais, pontos cantados e narrativas transmitidas entre gerações, compondo um quadro em que Mustardinha e Afogados se apresentam como espaços atravessados não apenas por processos de urbanização, mas também por trajetórias religiosas, conflitos e redes de solidariedade que marcam a experiência coletiva nesses bairros.

Apesar dessas tentativas de erradicação, os praticantes de Jurema não foram agentes passivos. Em vez disso, demonstraram resistência utilizando táticas para preservar suas práticas religiosas. Sobre as experiências de resistência na região conhecida como “Catimbolândia”, na RPA2 no Recife (bairros de Beberibe, Água Fria, Fundão e etc), mas que também se aplicam à Afogados e Mustardiha, Halley (2020) nos diz:

> Chamava atenção a criatividade das táticas, especialmente na Catimbolândia, cujos terreiros configuravam verdadeiros “territórios-santuários” (BONNENMAISON, 2012), imersos em distintas formas de territorialidades, estendendo-se aos espaços das matas, árvores, águas, morros, rochedos e encruzilhadas. (HALLEY, 2020, p. 7).

Nesse cenário, pontos e linhas cantadas da Jurema mobilizam nomes de mestres e mestras e reforçam os vínculos entre práticas religiosas e territórios específicos. É possível observar, por exemplo, que entidades como Mestre Préa e Mestre Tertuliano são frequentemente associadas, respectivamente, à Mustardinha e a Afogados em diferentes composições, sugerindo deslocamentos e atualizações constantes de sentido entre pessoas, lugares e experiências rituais. O modo como esses nomes circulam em pontos, histórias e cantos evidencia a flexibilidade das referências e a vitalidade da memória juremeira em meio ao contexto urbano.

As cantigas dedicadas aos mestres frequentemente incorporam referências diretas a bairros, ruas ou cidades, entrelaçando espaços físicos e percursos míticos. Um exemplo recorrente aparece nas linhas que evocam Mestre Préa, associado à Mustardinha, e Mestre Tertuliano, relacionado a Afogados. Essas referências, longe de indicar uma localização fixa ou biográfica definitiva, abrem possibilidade para leituras diversas, mobilizando elementos da tradição oral, das experiências cotidianas e da invenção ritual.

Entre os pontos mais conhecidos, destacam-se versos que localizam Mestre Préa como figura da Mustardinha, e Mestre Tertuliano como presença marcante de Afogados, sugerindo que o sagrado se ancora e se reinventa nas paisagens urbanas do Recife:

> Sentado em sua carroça
> Nela ele vai trabalhar
> O seu nome é Antônio Pereira da Silva
> Mas todos lhe chamam de Mestre Preá
> Ele é da Mustardinha
> Caçador de marmoteiro
> Taca fogo no rochedo
> Que é pra ver Preá correr
> Ele é da Peixeira, ele é do punhá
> Ele é da Mustardinha
> É o Mestre Preá
> (Cântico de Jurema ao Mestre Preá. Domínio público).

Mestre Préa, frequentemente lembrado nos pontos como uma das principais entidades ligadas à Mustardinha, é compreendido por Alexandre Lomi Lodo (2017) como um “forte mito urbano que foi deificado e que tem história recente, tendo sido conhecido em vida como mestre esquerdeiro da Jurema e reconhecido por seu conhecimento das ervas de cura e pelo ofício de carroceiro”. Tal caracterização reforça o modo como narrativas e práticas atribuem funções específicas a essas entidades, integrando biografia, território e trabalho ritual na construção do sagrado.

Outro exemplo de relação entre território e memória ritual aparece nas referências a Mestre Tertuliano, mestre juremeiro cultuado em diferentes tradições de Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Embora existam múltiplas versões sobre sua biografia e os lugares em que teria vivido, os pontos cantados associam Tertuliano ao bairro de Afogados:

> Ele é Tertuliano
> Morador de Afogados
> Na direita ele é bonzinho
> Na esquerda ele é pesado
> (Cântico de Jurema ao Mestre Tertuliano. Domínio público).

Há também composições em que Tertuliano é relacionado à “cidade” espiritual de Campos Verdes e ao rio Panema, elemento que pode remeter ao rio Ipanema. Este rio, frequentemente mencionado em cantos e narrativas do universo juremeiro,

nasce no município de Pesqueira, em Pernambuco, e segue seu percurso até desaguar no rio São Francisco, já em território alagoano. Ao atravessar regiões semiáridas de dois estados, o rio conecta contextos sociais e culturais diversos e, ao aparecer nos pontos da Jurema, amplia o alcance simbólico dessas referências, aproximando elementos do imaginário mítico à geografia concreta do Nordeste.

Ô que cidade tão linda
É aquela que eu estou avistando
É a cidade de Campos Verdes, Srs. Mestres
É a cidade de Tertuliano
E eu aviso aos Srs. Mestres
Que a minha cidade ela tem ciência
É de Panema, é de Panema
Tertuliano trabalhando na Jurema

(Cântico de Jurema ao Mestre Tertuliano. Domínio público)

Essas cantigas permitem observar o entrelaçamento de lugares míticos e geografia concreta no imaginário juremeiro. Como observa Analice da Conceição Leandro da Silva (2025), *"em muitas dessas cantigas, vamos encontrar alusões a espaços físicos que são parte da geografia real do Nordeste, indicando, possivelmente, as regiões onde foram compostas*." O depoimento de Elivelton de Luziaria (2025), extraído de postagem pública em rede social, também sugere diferentes versões e nuances biográficas para Tertuliano, mobilizando memória e tradição oral para atualizar sentidos sobre a circulação das entidades:

> "Rei nobre de um dos reinos do Juremá, um dos três generais, guardião de um dos portões do Juremá! Mestre velho de Jurema, Juremeiro de nobre ciência que deixou seus frutos até os dias de hoje na vida material. Um homem sábio de bom coração Curador, rezador e também feiticeiro! Conhecedor de ervas, cascas e raízes, elevado em grau de Luz e ciência! Na vida material viveu no bairro de Afogados no Recife-PE, conheceu o Mestre Zé Pelintra na zona boêmia do antigo Recife e essa amizade lhe rendeu bons frutos dentro da Jurema. Consagrado em vida a um encanto indígena, nas águas do Rio Ipanema ele trás um recado! Na direita ele é bonzinho, na esquerda ele é pesado, dentro da ciência ele é respeitado!" (ELIVELTON DE LUZIARIA, 2025).

A dinâmica territorial das religiões afro-indígenas na Região Metropolitana do Recife também pode ser percebida pelo número e distribuição das casas religiosas ativas nos bairros. Levantamentos realizados em 2010 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em parceria com a UNESCO, SEPPIR e

Fundação Cultural Palmares, executados pela Associação Filmes de Quintal, buscaram mapear comunidades tradicionais de terreiro, fornecendo um panorama das redes de sociabilidade, diversidade e presença dessas casas.

No bairro de Afogados, foram identificados o Centro Espírita de Pena Branca, Centro Espírita Maria Conga, Centro Espírita Princesa do Mar, Centro Espírita São Francisco Canindé, Centro Espírita Zé do Baralho, Ilé Asé Oyá Onira, Ilê Axé Oxum Locy, Ilê Ecym D'Osum e Ylê Axé Omin Ogunté. Já na Mustardinha, o mesmo levantamento apontou Axé do Ache Ilê Laganji, Centro Espírita Cabocla Jacyara, Centro Espírita e Culto Africano Santa Bárbara, Centro Espírita Nossa Senhora da Conceição, Centro Espírita Rei de Urubá, Ilê Ecym D'Osum, Ilê Olojá Onim Afonjá e Roça Alaketu Mutalambô.

Esses dados, em diálogo com narrativas orais e registros etnográficos, sugerem possibilidades de leitura em que Mustardinha e Afogados são atravessados por circuitos de memória e solidariedade religiosa, compondo territórios vivos e em constante transformação.

Juremeiros e Juremeiras de Afogados e Mustardinha, Centro Espírita Rei de Urubá e a figura proeminente de Mãe Biliu.

Os bairros de Mustardinha e Afogados, já reconhecidos por sua intensa circulação de memórias e práticas do Catimbó-Jurema, foram também palco de trajetórias singulares de juremeiros e juremeiras que consolidaram essas localidades como territórios vivos do sagrado. Entre essas figuras, destaca-se Mãe Biliu de Manoel do Ororubá, filha de Iemanjá, nascida em 1905, que fundou em 1955 o Centro Espírita Caboclo Rei de Urubá na Rua Carlopólis, no centro da Mustardinha.

Cartaz em homenagem a Mãe Biliu. Foto do autor, julho de 2024.

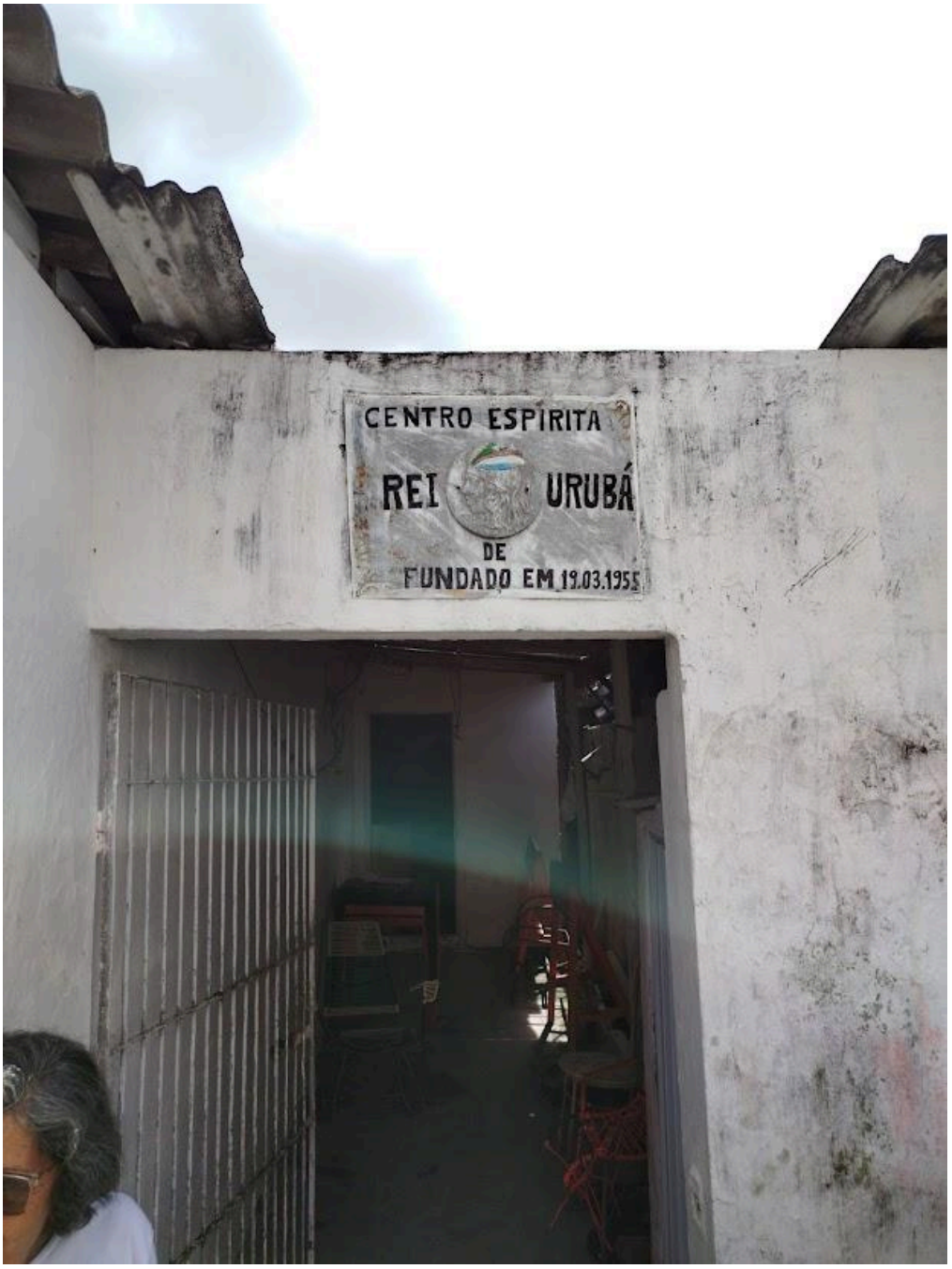
Em entrevista com Pai Antiógenes, atual sacerdote da casa, realizada pelo autor em julho de 2024, ele relata que, ainda criança, começou a ter problemas de saúde, desmaiava e caía repentinamente. Foi Mãe Biliu quem o socorreu, identificando que a origem do problema não era apenas material, mas espiritual: *“traziam pra cá, ela me botava no Peji, abalava o Orixá e me trazia de volta. Aí ela falou pra minha mãe*

que eu era médium, que tinha que desenvolver, que tinha que seguir a espiritualidade".

Pai Antiógenes, atual sacerdote do Centro Espírita Rei de Urubá. Foto do autor, julho de 2024.

Pai Antiógenes também relembra o caráter comunitário do terreiro, que foi além do candomblé e da jurema: *"aqui não é só a história de Candomblé. Aqui não é só a história de Jurema. Aqui é uma história de um contexto de uma mãe acolhedora, né? Mãe Biliu sempre acolheu. Era uma vida comunitária".* Ele enfatiza o respeito

como princípio que organizava toda a casa: *“Candomblé é respeito. Quando você quer exigir respeito de alguém, você tem que se dar. E Mãe Biliu era uma pessoa de natureza muito forte, pulso forte. Como Yalorixá, como mulher, a voz era dela. Então, o que ela determinava, estava determinado”.*



Centro Espírita Caboclo Rei de Urubá. Foto do autor, julho de 2024.

As correntes mediúnicas que sustentam o Centro Espírita Caboclo Rei de Urubá revelam a diversidade de presenças que ali se manifestam, compondo um complexo

sistema de cuidado e encantamento. Pai Antiógenes relatou que a casa de Mãe Biliu sempre foi profundamente ligada aos caboclos e pretos velhos, afirmando: *“Mãe Biliu era muito ligada aos Caboclos. Muito ligada. Era muito ligada também aos Pretos Velhos. E a Jurema dela era muito forte. Muito forte mesmo.”* Entre essas entidades, destacam-se a Cabocla Rosinha, lembrada como “uma cabocla menina que fez muita cura”, o Caboclo Penedo, Vovó Sinhá, que sentava-se em seu banquinho para contar histórias, e Vovó Miquelina, sempre presente nas obrigações.

No campo dos mestres e mestras, a casa abriga e reverencia Mestra Angelita, considerada a mestra principal do terreiro, em constante diálogo com Dona Maria Luziária. Também ali se apresentam Manuel da Hora, José Pilintra, Seu Tertuliano e, por vezes, Mestra Ritinha, formando um conjunto de guias que reforçam o elo entre a cidade, o culto e os mundos encantados. Hoje, é com Mestre Pião Deitado e Mestra Gercina que Pai Antiógenes continua a conduzir os trabalhos, dando sequência a um fluxo espiritual que atravessa gerações.

Na entrevista, Pai Antiógenes amplia a compreensão do terreiro como espaço que transcende o ritual e se faz também território de cuidado cotidiano. Ele recorda como, na infância, testemunhou Mãe Biliu acolhendo mães solteiras, crianças e vizinhos, transformando a casa num centro de apoio e partilha: *“Todo mundo passava por aqui, todo mundo tinha história com ela. Não era só religião, era dia a dia.”* As festas eram momentos de celebração, coletividade, e solidariedade, com comidas distribuídas para quem chegasse: *“Quando fazia feijoada, mungunzá, era pra todo mundo que aparecesse.”*

O aprendizado se dava na prática, pelo gesto, pela convivência e pelo exemplo: *“Mãe Biliu não era de dar muita conversa, era de mostrar no gesto, na mão.”* Respeito e disciplina eram valores fundamentais, assegurando a harmonia do cotidiano e o reconhecimento dos mais velhos. O terreiro, ainda segundo o sacerdote, articulava-se com outras casas e lideranças da vizinhança, sobretudo em festas, criando redes de solidariedade que envolviam o bairro como um todo, marcadas, sobretudo, pela forte presença feminina.

O depoimento de Pai Antiógenes evidencia como a tradição da Jurema na Mustardinha e Afogados se estrutura por meio de uma rede extensa de mestres,

mestras e casas de axé, consolidando essas localidades como polos de transmissão, memória e resistência. Entre as figuras históricas do bairro, destaca-se Pai Heleno da Mustardinha, lembrado por receber em seus trabalhos os guias Seu Mané Rodrigues e Gavião Preto, entidades que marcaram gerações de juremeiros locais. Outro nome importante é o de Pai Cacau de Sérgio Poeira, cuja trajetória é reconhecida como parte fundamental do desenvolvimento e da circulação do saber juremeiro no Recife.

A casa fundada por Mãe Biliu não permaneceu restrita à Mustardinha, mas deu origem a uma série de ramificações que seguem ativas e fortalecendo o axé em outros territórios. Entre essas filiações, destacam-se Mãe Irene, que conduz terreiro em Prazeres, e Mãe Zenilda, no bairro de Rio Doce, ambas filhas espirituais da casa e responsáveis por manter vivas as tradições aprendidas junto a Mãe Biliu. O próprio Pai Antiógenes, além de sua atuação na Mustardinha, atualmente mantém terreiro no bairro do Ibura, reafirmando o caráter dinâmico e expansivo dessa linhagem.

A vitalidade da tradição se expressa nas festas e obrigações que compõem o calendário ritual do Centro Rei de Urubá e suas casas ramificadas. A Festa de Rei de Urubá, celebrada anualmente, é um marco da memória coletiva, reunindo antigos e novos adeptos para louvar os ancestrais e renovar os compromissos espirituais. Outro momento central é a festa de Seu Zé, realizada em 19 de março, quando o terreiro se enche de cânticos, comidas e oferendas, mobilizando não apenas os frequentadores, mas toda a vizinhança. Festas dedicadas a Oxum, Iemanjá, Cosme e Damião e aos caboclinhos integram o ciclo anual, evidenciando a articulação entre diferentes linhagens e práticas.

Para além das obrigações religiosas, o terreiro desempenhou, e em muitos aspectos ainda desempenha, papel comunitário fundamental. Nas lembranças de Pai Antiógenes, o espaço abrigou uma escolinha onde crianças da comunidade receberam as primeiras lições formais antes de seguirem para outras instituições. O terreiro era também um lugar de acolhimento, onde mães solteiras, crianças e vizinhos encontravam comida, orientação, proteção e amparo em momentos de dificuldade. As festas, sempre marcadas pela partilha de alimentos como feijoada e

mungunzá, reuniam pessoas de todas as idades e promoviam laços de solidariedade e convivência para além dos limites da casa.

A centralidade das mulheres negras e indígenas nas lideranças, a honestidade na transmissão do saber, o respeito à ancestralidade e o compromisso com a comunidade continuam a ser valores cultivados, mesmo diante das transformações e desafios do presente. O reconhecimento das casas ramificadas, das figuras históricas, das festas e da função social do terreiro aponta para a força e a resiliência de uma rede viva, onde memória, axé e pertencimento se atualizam continuamente no cotidiano de Mustardinha, Afogados, Ibura, Prazeres, Rio Doce e além.

Considerações finais

Este estudo se propõe a acompanhar as memórias, práticas e percursos do Catimbó Jurema nos bairros de Afogados e Mustardinha, reconhecendo que toda pesquisa nesse campo é, antes de tudo, um exercício de aproximação. Os registros, relatos e escritos aqui reunidos não oferecem respostas definitivas, mas buscam abrir o olhar para as possibilidades de circulação, invenção e construção de sentido que atravessam esses territórios. Assim como a memória oral, a pesquisa sobre a Jurema é contínua, sempre se renova e se reinventa a partir do encontro entre o vivido, o narrado e o imaginado.

As experiências e trajetórias trazidas ao longo do texto, com destaque para a história do terreiro de Mãe Biliu e suas ramificações, apontam que a territorialidade da Jurema se faz por meio de redes ativas, onde o sagrado e o cotidiano se entrelaçam e a resistência se expressa tanto no rito quanto na vida comum. Resistir, aqui, não é só manter tradições, mas criar novas formas de pertencer, de cuidar, de aprender e de partilhar saberes em meio às disputas e às transformações urbanas.

A Jurema se apresenta, assim, como prática que questiona e desafia os limites impostos pelas narrativas hegemônicas, afirmando o direito de existir, de contar outras histórias e de produzir conhecimento próprio. Tal como a oralidade que a sustenta, esta pesquisa permanece aberta, feita de perguntas, movimentos e encontros. É no gesto de escuta e no respeito à pluralidade de experiências que reside a potência da memória, do encanto e do território em contexto urbano.

Referências

ANGÉLICO, Rômulo. *O Mago Juremeiro*. Natal: Edições Pássaro Preto, 2024.

ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho de. *Reino dos mestres: a tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

COSTA, Janaina Alexandra Capistrano da. Uso de substâncias psicoativas e controle social do uso do álcool: Mestres Beberrões na Casa de Jurema Mestre Carlos – RN. *Revista TOMO*, [S. l.], n. 39, p. 153, 2021. DOI: 10.21669/tomo.vi39.15632. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/15632. Acesso em: 30 ago. 2024.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALLEY, Bruno Maia. Disfarces, esconderijos e geossimbolismos na Veneza Americana: os “catimbolados” no Recife (1937-1945). *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 37, p. e44404, 2020. DOI: 10.12957/geouerj.2020.44404. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/44404. Acesso em: 30 ago. 2024.

LIMA, Henrique Falcão Nunes de. *Malunguinho na aula é Reis: perspectivas para uma educação contra colonial*. 2022. Dissertação (Mestrado) – UFRPE/FUNDAJ, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, 2022.

LODÒ, Alexandre Alberto dos Santos Oliveira L’Omi. *Juremologia: Uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da Jurema Sagrada*. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2017.

OLIVEIRA, Alexandre de. Teologia da Jurema. Existe alguma? In: ANAIS ELETRÔNICOS DO V COLÓQUIO DE HISTÓRIA “PERSPECTIVAS HISTÓRICAS: HISTORIOGRAFIA, PESQUISA E PATRIMÔNIO”, 2011, Recife. Colóquio de História. Recife, 2011. Disponível em: http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/.

PIRAUÁ, Isabela C. de M.; LIMA, Rosângela A. Mustardinha (Bairro, Recife). *Pesquisa Escolar*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2019. Disponível em: https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/mustardinha-bairro-recife/. Acesso em: 6 ago. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny. *Uma procissão na geografia*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, p. 77-92.

SILVA, Analice da Conceição Leandro da. *Entre lírios e liras: a mitopoética utópica da Jurema Sagrada*. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

VAINSENCHER, Semira Adler. Afogados (Bairro, Recife). *Pesquisa Escolar*, Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003. Disponível em: https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/afogados-bairro-recife/. Acesso em: 6 ago. 2020.